



O Gaiato

21 DE FEVEREIRO DE 1970
ANO XXVI — N.º 677 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALLE DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENAL
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

DOCTRINA

Em recente seminário sobre a planificação da mão-de-obra nas Empresas, o presidente de um «comité» alemão para o mesmo fim do seminário, referiu-se a pressões de «uma geração de agressivos jovens que nos criticam por estarmos ávidos de acumulação.» Ele falava em nome de uma Entidade Patronal e em «representação de um bilião de pessoas satisfeitas, que têm a opor-se-lhes dois biliões de pessoas que sofrem de fome e de má habitação».

Esta referência surpreendeu os jornalistas que procuraram saber a razão dela. Ao que o Sr. Kluge respondeu: «As gerações acusam os mais velhos de apenas se devotarem à acumulação de riquezas, desprezando valores espirituais e humanos de tal modo que os jovens não encontram sentido para tal tipo de crescimento económico».

Se assim é, ainda bem. E embora a Juventude seja incapaz de levar a fim equilibrado, por meios equilibrados, a sua reacção, ao menos põe um problema às gerações adultas para que se convertam de uma mentalidade materialista àquele princípio enunciado por Jesus, aquando das tentações no deserto: «Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca do Senhor.»

Ora da boca do Senhor saiu o Pai Nosso, no qual fomos ensinados a pedir o pão de cada dia. Este é o ponto de equilíbrio. Temos a garantia dele, já que indispensável à vida, dá ao homem disponibilidade de alma. Mas, na linha dos valores materiais que o pão pode simbolizar, cegarmo-nos para valores espirituais e humanos muito mais altos será trocar a herança a que fomos destinados por um prato de lentilhas.

Pode cair-se nesta tentação, levados pela miséria, ou porque se nasceu em condições que nunca proporcionaram o problema do pão de cada dia. Mas também se cai muitas vezes em razão de um endurecimento provocado pela aventura quotidiana do pão, como dá testemunho o próprio Sr. Kluge: «Eu, que passei os meus começos a lutar pela sobrevivência, sei quanto isso custa e absorve».

Continua na TERCEIRA página



A nossa Aldeia de Malanje vista dos campos de algodão. Ao fundo as gravilias que dão sombra ao nosso café.

Júlio conseguiu o que pensamos ser muito difícil: Fazer todas as Festas nas duas semanas que precedem a Semana Maior. Nesta havemos de actuar também, se Deus quiser. Será nas Cadeias que começam a constituir tradição no nosso peregrinar. Não profanamos a santidade do tempo. Antecipamos a visita pascal anunciando, antes da comemoração da Morte do Senhor, a celebração da Vida, pois que Ele é Vida, é Ressurreição, Caminho e Verdade — valores de que se desviaram aqueles nossos irmãos com uma culpa pessoal que, exactamente, só Deus sabe e que importa recuperarem. A Verdade é a luz do Caminho. E caminhar à luz da Verdade, por sobre todos os obstáculos que com certeza se levantarão, é viver.

Causa-nos tanta perturbação a nossa Festa que, se não fôra a expectativa de tantos e tão provados Amigos e agora mais estes das três Cadelas, eu não ganhava coragem para a deixar fazer. Ainda quis contaminar o Júlio com a minha tentação. Mas ele não se deixou contagiar. «Não pode ser. A Festa tem de fazer-se».

Por outro lado, Bernardino tomou o encargo da realização artística tão espontaneamente, sem pôr hipótese de que pudesse ser de outro modo, que eu tive de aceitar o peremptório de um e de outro, expressos em palavras e em actos — e calei-me muito caladinho e deixo que as coisas corram.

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

Festas

MALANJE

rapazes que tomem conta...

Amanhã virão às casas do gaiato pelos mulatinhos.

x x x

Tivemos um feliz natal. Não faltaram brinquedos e mimos que muitos amigos trouxeram. Também não faltaram as bebidas, o bacalhau, arroz e roupas, que algumas firmas amigas nos ofereceram com tanto carinho.

Vieram também muitos amigos com o seu envelope e a mão discreta depor na minha ajuda. Ajudas carinhosas que nos permitiram tapar alguns buraquitos mais urgentes.

Por todos pedimos ao Menino Jesus.

E continuamos a pedir.

E continuamos a precisar de ajuda.

E continuamos a construir.

Há tantas crianças à espera de entrar... Não temos mais lugar. Olho, todos os dias, para os nossos campos de algodão a ver se eles me animam a começar mais uma casa para trinta. Manda-me também a tua ajuda. Estou a ficar um pouco aflito.

Padre Telmo

Lourenço Marques

O ano de sessenta e nove foi para esta Casa o de começo da construção da sua Aldeia. Se tentámos chegar ao fim com oficinas e escolas concluídas, isto não foi possível. O ritmo de trabalho é lento, como lenta foi a cadência das ajudas, mas nunca esperámos pelo dinheiro para fazer as obras. Ele tem vindo e elas a fazer-se. E foi assim que neste ano passámos os quinhentos contos.

Agora, porém, começamos a sentir a urgência das oficinas a trabalhar, pois, dentro de um ano, os dois rapazes mestres, Zé Alberto e Fernando, vão para o serviço militar. Sairam mesmo há pouco, a dar o nome. E, a não ser que os seus aprendizes tenham tempo de aprender mesmo alguma coisa que nos remedeie, teremos de as

conservar fechadas até ao regresso da tropa, ou contratar operários de fora, o que não podemos. Será uma falha irreparável na nossa vida se a Sonefe não trouxer quanto antes a corrente eléctrica.

Pela premência dos casos que nos batem à porta, vivemos já com angústia também a falta da Casa-mãe e uma dita de habitação. Iniciaremos as obras, mas este caminhar lento atra-nos para daqui a dois anos a possibilidade de as habitar. E a colaboração dos mais novos que me acompanharam da Metrópole, hoje ainda

vendedores de «O Gaiato», seria então preciosíssima, mas terão à porta o serviço militar.

Para que chegássemos ao fim do ano com estas construções concluídas necessitamos, pelo menos, de mil e quinhentos contos.

Já foi embora quem prometeu uma ajuda-empurrão. Parece impossível aquilo que pretendemos, mas como a Deus nada o é, estamos confiantes.

Padre José Maria

Comissão de Censura

Visado pela

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Estimados leitores. Como há muito vos não damos notícias da nossa Casa de Miranda, poderíeis pensar que tínhamos morrido todos. Mas como assim não aconteceu, lá vou eu dar-vos notícias frescas.

OFICINAS — O ritmo das nossas oficinas tem continuado acelerado com a chegada de novos e variados trabalhos. Agora temos-nos centrado mais nos trabalhos que são para o acabamento do nosso Lar; são grades, janelas, portas e depois a mobília.

Na carpintaria estão a fazer altares e carteiras de escola, e todos continuamos à espera das vossas encomendas.

Movimento de Tropas — Chegou o Fernando que esteve no Norte de Moçambique numa zona infestada de terroristas. Chegou no «Pátria». Foram alguns esperá-lo a Lisboa e todos os outros, o espe-

rámos ao fundo da nossa Casa. As ruas estavam enfeitadas e os foguetes estoiravam no ar; houve missa na nossa Capela, na qual agradecemos ao Senhor o tê-lo trazido com saúde. Seguiu-se o jantar melhorado e muita alegria.

Nós esperávamos o Fernando com muita ansiedade. É muito bom rapaz e era o chefe maior antes da tropa. Agora vai ficar com toda a vida agrícola a seu cuidado. Vai ser o nosso ministro de Agricultura.

Todos desejamos que desempenhe bem o seu papel de muita responsabilidade e que trabalhe muito para que a nossa agricultura não continue tão atrasada como até agora. E falando de agricultura não esqueçamos os animais. Será que vamos ter agora vacas leiteiras?

O Tónio e o Zé Carlos (ex-Griloto) acabaram também a tropa. Mas como não saíram do continente não tiveram nenhuma festa. O Tónio acabou em Bragança e o Zé Carlos em Tomar.

O Elisio que já tirou a especialidade encontra-se mobilizado para Angola. Está na Amadora e só espera por barco.

Zé Fernando (ex-Zé Bolas) e Agostinho (ex-Caracol) foram assentar praça em Viseu. Têm vindo passar connosco os fins de semana. Desejamos-lhes muitas felicidades.

Fonseca

TOJAL

Depois de um verão bastante quente toda a gente se ressentiu com a mudança brusca da temperatura e grande número de pessoas caiu de cama. Aqui no Tojal, um terço dos Rapazes também não resistiu. O que tem valido ainda é o óleo de fígado de bacalhau e vitaminas que nos são enviadas pelos laboratórios senão, neste momento, ninguém parava em pé. Esta região é muito batida pelo vento e todos estão sujeitos a apanhar correntes de ar fortes.

Devido a esta epidemia tem-se notado um retardamento no andamento normal da construção da Aldeia. Mas se Deus quiser não será por muito tempo. A adaptação da casa-mãe já está praticamente no fim e até os acessórios já estão comprados: um fogão a gaz com panelão de sopa incorporado, um termo-acumulador, uma máquina de lavar loiça, etc.. Ao contrário das velhas instalações todos os soalhos da casa-mãe serão encerados para ser mais fácil a limpeza. Já pensamos em comprar uma máquina de encerar, mas será mais um encargo a juntar a tantos outros que já temos. Não sabemos se valerá a pena encomendar o recado a uma dúzia de Rapazes, havendo outras coisas mais importantes que eles precisam de aprender ou se teremos de aumentar as despesas que já não são pequenas. Portanto, aqui fica uma sugestão a quem se queira desfazer de algum aparelho-metro destes que tenham lá por casa.

Eu tenho mais dois pedidos para fazer. Um deles, já por várias vezes tem sido escrito nesta coluna; mas, como continuamos necessitados vejo-me obrigado a apresentá-lo novamente aos queridos leitores: embora tenhamos recebido cá guarda-chuvas de pessoas que responderam aos pedidos anteriores, continuamos lutando com uma grande falta deles. É certo que não tem chovido, mas também é certo que o tempo tem estado bastante incerto por estas bandas. Agradecemos os que nos têm enviado e continuamos a pedir mais, contando com a boa vontade de todos vós. Obrigado.

O outro parece ser exclusivo do Tojal:

x x x

Vieram mais catorze contos de mármore e cantarias, mais duas camionetas de cal e cimento, mais três carradas de tijolo, mais uma factura de ladrilhos, mais dois tambores de cola, mais uma conta de tubos de plástico, mais todos os vidros que é necessário encomendar, mais tubos galvanizados, mais 120 metros de tacos e mais uma pancadaria de dinheiro a pagar todos os fins de semana.

O remédio é ir queixar-me aos fiéis, que ao domingo se juntam à volta do altar das igrejas da nossa cidade, já que os amigos tão pouco vêm ao nosso encontro.

Padre Horácio

Temos 2 gira-discos, um de móvel, outro transportável. Temos alguns discos mas já foram tantas vezes rodados que as ranhuras já quase os atravessam e não é só isto, é que se tornaram tão enfadonhos que só são usados para as «grafonolas» não se enferrujarem. Quem tiver discos que já não lhes interessam, faça o favor de no-los enviar.

Por agora, mais nada. Até sempre.

Mário Fernando

Notícias da Conferência do Lar do Porto

Só quem entra na casa de um Pobre é que pode avaliar a miséria e sofrimento que lá existe.

Mais uma vez fui visitar a minha Pobre e como sempre vim de lá triste, mas resolvido a pedir auxílio aos vossos bons corações. Só assim poderei pôr aquela casa em ordem.

É uma pobre que tem 6 filhos, três rapazes e três raparigas; a mais velha tem 15 anos. São todos raquíticos. Uma das pequenas tem colite, e outra leucemia. Todos precisam de tomar tónicos «Estas linhas são para os Senhores Doutores».

Como comprar tónicos se mal chega para a panela da sopa? A nossa Conferência faz-lhes o que pode, mas não o que ela precisa, pois temos muitos Pobres a quem é preciso ajudar.

A única coisa que tem de bom é a casa, que é da Câmara.

Mas as paredes vão ficando negras pelo fumo da máquina de cozinha. Bons amigos precisamos de três camas ou três divãs e colchões, com que mobilar aquela casa.

Tem uma máquina que comprou a prestações mas a doença faz-lhe atrasar os pagamentos. Por isso, se não era a Conferência, teriam levado a máquina.

Tivemos que tomar conta dessa dívida. Hoje apodera-se de mim uma fé grande e já estou a ver as cadeiras sem fundo serem substituídas por outras em bom estado, e os trapos das tarimbas por uma roupa que transforme as tarimbas em camas decentes.

E pronto, aqui fica o meu apelo. Confio em vós e nos vossas bons corações. Do vosso irmão em Cristo

José Maria da Cunha

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O QUE RECEBEMOS — Vamos aproveitar um furo de paginação para, ao menos, acusar recepção dos donativos com que os nossos Amigos mimosearam os nossos Pobres: Abre a coluna um leitor da Rua Costa Cabral, 673 — 1.º — Porto, com 50\$00. O dobro de D. Clementina, da Póvoa de Varzim. Mais 40\$00 do Sr. Brandão. O mesmo, do Porto, pela mão da D. Clementina, da Póvoa de Varzim. Mais 40\$00 do Sr. Brandão. O mesmo, do Porto, pela mão da D. Clementina, da Póvoa de Varzim. Mais 50\$00 do assinante 29783, de Viana do Castelo — um Capitão na luta pela Paz. Mais 40\$00 da assinante 17022, muito conhecida já por estas bandas. Mais 10\$00 da Rua das Taipas — Porto. E 25\$00 da assinante 9850. E o dobro de velho amigo, ora em Mem Martins. E duas vezes mais de Farmacêutica muito amiga, de Chão Verde. E o mesmo de um Médico lisboeta, da Avenida Guerra Junqueiro. De novo o Porto com 15\$00, pela mão da assinante 14941. E mais 40\$00 e um pacote, de M. P., entregues no Espelho da Moda. E ainda mais 50\$00 doutro Médico, velho amigo, também, das Caldas da Rainha. Finalmente, o nosso Dr. Herlander com o dobro. E que Deus o ajude em seus trabalhos junto dos Leprosos.

Para todos, todos, o nosso bem haja.

Júlio Mendes

LAR DE COIMBRA

Pelo que vistes e como já sabeis' estamos já há muito nos acabamentos. Estes são muito morosos e exigem muitas coisitas que por sua vez não são fáceis de adquirir, como qualquer pessoa experimentada em obras sabe.

Ao olhar o novo edifício, vemos que as janelas já estão quase todas assentes. As portas também. Barbosa, continua a assentar tacos, que também já estão quase todos. Há, também bastante azulejo já assente. Quanto ao resto os nossos pequenos pedreiros lá vão andando, conforme podem e sabem, com a ajuda dos homens que os ensinam.

Depois do edifício propriamente dito, falta o recheio da casa, que constitui um grande encargo.

Há algum tempo, veio uma máquina, que alguém teve a gentileza de nos emprestar, para remover os grandes montes de terra que estavam ao lado da casa. A máquina veio e fez em 3 dias o que nós levaríamos meses a fazer.

Daqui damos um «Bem hajam» aos Senhores da Solum.

Há dias veio também um bilhar, que alguém da cidade nos quis ofertar. Já está na sala de jogos, embora ainda não em funcionamento como é de prever.

Com as chuvas que ultimamente caíram, caiu também um muro ao lado da casa, que segurava uma barreira. Nós, os estudantes, vamos aproveitar estas férias do carnaval para limpármos a terra que caiu a fim de os pedreiros poderem novamente reconstruir o muro que ali faz falta.

Como vedes, surgem-nos obstáculos de muitos lados. Ora nós temos de os transportar. Mas poderemos ser só nós?... Claro que não. É preciso que os amigos nos dêem um empurrão.

Só assim todos poderemos ter um pouco de nosso no novo Lar que se está a construir.

Portanto eu pergunto: Quem nos vai dar os muitos empurrões de que tanto precisamos, para terminarmos esta tarefa?

Francisco José Henriques

TRIBUNA de Coimbra

O Vitinho, irmão dos nossos Zeca, Tónio e Zéquita, veio pedir-me, se no fim das obras do Lar, o deixava tirar o curso de torneiro mecânico.

O Vitinho é daqueles habilidosos que querem tocar todos os instrumentos sem se aperfeiçoarem em nenhum. Ele com 14 anos, foi um achado para a armação do ferro de todas as vigas da casa. Foi um valente e um elemento precioso.

Feita a estrutura da casa, o Vitinho, sendo serralheiro, ofereceu-se para continuar nas obras até ao fim e agarrou-se à colher de pedreiro. Agora como prémio pede o curso de torneiro. Eu não disse, nem digo nada. Ele há-de voar conforme sentir asas. Nós não as cortamos a ninguém. A nova casa há-de ser ninho donde muitos voarão para a vida.

x x x

Num cruzamento da Baixa encontrei-me com um dos nossos que hoje já é homem e está bem. «Ainda bem que o encontrei. Trazia aqui isto para as obras de nossa casa. Foi a minha gratificação de fim de ano.» Pôs a mão ao bolso, e da carteira tirou uma nota de conto.

Mais adiante encontrei outro, casado e com filhos, que me



APANHA DA AZEITONA NO TOJAL.

Gaiato

OBRA DE RAPAZES PARA RAPAZES, PELAS CASAS DO GAIATO

DOCTRINA

Cont. da PRIMEIRA página

Por isso, «em representação do bilião de pessoas satisfeitas», «quer que os jovens digam claramente o que pretendem e em nome de quê» (...) E que «tenham o realismo suficiente para entender que só uma situação economicamente privilegiada lhes permite ser tão radicais e agressivos e românticos».

Parece-me que ter nascido «em situação economicamente privilegiada» e sentir tédio dela, na ansiedade de valores espirituais e humanos que não constituem o seu trem de vida — abona pelo menos em como se não deixou levar pela inércia. E dessa angústia partir à descoberta dos dois biliões de homens que sofrem de fome e de má habitação, sem pôr toda a sua esperança n' «aquilo que os americanos chamam a **affluent society**, a nação rica, justa-

mente para podermos dar a tal assistência aos países pobres» — é uma saudável tendência.

É verdade que «há que ser realista e não romântico», «que não se deve recusar o progresso e a civilização» como meios a que o homem empresta o seu suor e o seu sangue para ir ao encontro dos outros homens. Mas não é menos necessário a presença de ideal e a consciência desapaixonada de que só a riqueza benemérita oferecida por uns nunca chegará para apagar a pobreza da face da Terra, pois só na comunhão fraterna os homens se encontram perfeitamente com o Pai e o ponto primeiro desse encontro será o pão de cada dia desejado e possuído por todos, ponto de libertação para o crescimento de valores espirituais, crescimento que terminará na medida destinada a cada um com a chegada à Casa do Pai.

O assunto da nota desta quinzena é o Homem. Aquele homem de coração bom. Que não pensa só em si. Nem espera que vão à sua procura; mas vai ele. Toma a iniciativa. Desce ao seu semelhante e dá-lhe a mão. É amigo. Carrega-o sobre os ombros. É homem que tem um coração de carne, sensível. Capaz de um gesto que é resposta a um apelo íntimo, a afrontar o caminho: O caminho dos outros; o caminho do seu semelhante — e não hesita.

Aconteceu num dos últimos domingos. A manhã de sol levou toda a gente para a praia. E um carro chegou. Saíram dele pai e dois filhos. Quem Quem sabe se o pai não foi conduzido pela mão dos filhos?

Quis saber da nossa vida; com muito interesse. Não era apenas um turista. Veio para ver e conhecer.

Conversámos. Conversámos. Os filhos ouviam. Falámos de tudo. Falámos do sonho que vai a pouco e pouco transformando-se em realidade: uma Aldeia com casas airoas, familiares, cheias de luz, com



jardins e árvores de sombra para recreio nas horas de repouso; onde todos estejam bem. Falámos das alegrias.

Agora ele toma a palavra. Das dificuldades da caminhada ao longo destes quase 5 anos falou ele. Estava a senti-las. Senão não teria vindo. Depois... quis caminhar connosco. Quis dar-nos a mão. Quis fazer-nos «sócios» dos seus negócios. Não apenas por uns momentos. Momentos de entusiasmo em que somos capazes de grandes gestos. Mas depois... tudo morre. Não foi assim. Vai acompanhar-nos durante o ano inteiro. Que todos os meses passemos por ele a buscar dinheiro para o nosso pão. Não apenas o de um mês. Mas o do ano inteiro. E se te dissermos que para as padarias vão cerca de 5 contos mensais... Maneira prática, inteligente de realizar a Caridade.

Só quando soubermos repartir, à medida das possibilidades de cada um, estamos a ser homens dignos deste nome;

estamos a fazer um mundo melhor. E a conversa terminou. «Não ponha estas coisas no jornal», atalhou. Mas como podemos calar o que vimos e ouvimos? Como esconder as maravilhas que o Pai opera no coração dos homens bons? A lâmpada é para ser colocada sobre o alqueire afim de alumiar e aquecer todos os membros da família. Assim se cumpre o Evangelho.

X X X

A escola nova abriu as portas. Está a cumprir sua missão. A inauguração foi feita pelos pequenos da 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classe. Mais nada. Havemos de fazer uma festa. Festa de inauguração. Havemos de convidar amigos, autoridades e abrir as portas a todos os que quiserem vir. Mas há-de ser no fim. Quando a Aldeia estiver pronta. Até lá vamos trabalhando.

Padre Manuel

Aqui, LISBOA

Veio há pouco a lume que um quarto dos habitantes de Lisboa vive em barracas e partes de casa e noventa e dois por cento da construção é dirigida apenas a dez por cento da sua massa humana. Infelizmente, apesar de alguns esforços feitos, o problema tem tendência a agravar-se a cada instante, com o afluxo contínuo de gente aos grandes centros e respectivas periferias, em busca de legítima melhoria dos precários meios de vida que usufrue nas regiões interiores do País e nas aldeias de origem. A concentração industrial e dos serviços no e ao redor dos maiores agregados urbanos mais vem complicar a questão. Loures, Vila Franca, Oeiras, Cascais e Almada oferecem-nos espectáculos desoladores, sobretudo nas encostas dos vales. Mesmo em plena Capital, ao lado de zonas tidas como mais modernas não deixam de aparecer barracas infectas. Temos bem vivas as imagens de alguns agregados vistos há pouco, na Charneca e na Musgueira, e não esqueçamos que um dos Rapazes ultimamente chegados vivia numa das inúmeras barracas sitas na elegante freguesia de S. João de Brito...

X X X

Informações aparecidas ultimamente na imprensa dizem-nos também que em 1968, entre 27 países europeus, Portugal era o segundo com mais alta taxa de mortalidade infantil, com 65 crianças mortas até 1 ano de idade, em cada 1.000 nascimentos, para um valor médio de 31 para todo o continente europeu. E, segundo um dos Procuradores à Câmara

Corporativa, por sinal médico, a mortalidade infantil está a aumentar... Isto, apesar da influência que o aborto legal possa ter nos números de alguns países, não deixa de ser alarmante quando se estabelece um paralelo.

X X X

Segundo as técnicas, as necessidades alimentares de um adulto português andam por 3.000 calorias, 30 gr. de proteínas animais e 30 gr. de proteínas vegetais. Em Trás-os-Montes, por exemplo, ingerem-se respectivamente, como valores médios 2.125 calorias, 7,3 gr. de proteínas animais e 33,4 de proteínas vegetais. Quer dizer: os números apresentados são, para muito boa gente, ainda mais baixos. Ora, até numa perspectiva meramente económica, todos sabemos que a fome ou nutrição deficiente são factores limitantes do desenvolvimento económico. Tudo o que se faça, pois, no sentido de ensinar a comer ou de alimentar convenientemente as pessoas, nunca será demasiado. É assunto que não diz respeito tão pouco só a crianças e adultos subdesenvolvidos mas também a todos os que nasceram em meios ricos e evoluídos.

Ainda a propósito da alimentação, diz-se na revista científica «Science», que «as crianças criadas na pobreza tendem a revelar testes pobres de inteligência» e «em parte isto é devido a factores psicológicos e culturais, mas é também consequência, em forte medida, de alimentação deficiente na primeira fase do seu desenvolvimento». Estas conclusões vêm explicar em grande parte aquilo que apalparamos todos os dias

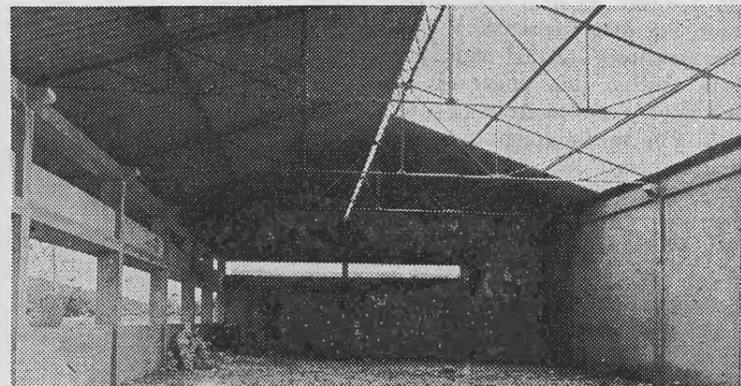
nas nossas Casas. Mostram-nos que «há uma premente necessidade de educar as pessoas nos princípios basilares da nutrição e intensificar os esforços para assegurar que ninguém, e em especial nenhuma criança, sofra de qualquer diminuição no seu desenvolvimento em consequência duma alimentação deficiente».

Por outro lado, convém não esquecer que, se «o cérebro duma criança atinge aos três anos cerca de 80% do peso do indivíduo adulto, ao passo que o peso do seu corpo se situa apenas em 20% do peso dos adultos», é essencial que uma boa nutrição durante os primeiros três anos da vida assegure o futuro das crianças, na sua saúde física, psicológica e mental. E o bom futuro das crianças é equivalente ao bom futuro do País.

X X X

Três apontamentos: sobre habitação, mortalidade infantil e alimentação. Três preocupações que dizem respeito ao bem estar e felicidade de todos nós. «Deixar correr é atitude inadmissível», afirmou-se numa recente tomada de posse dum Presidente de Município da cintura de Lisboa. Pois, na pobreza dos nossos meios e da precária influência que exercemos, sentimos que não podemos também deixar correr. Chegou a hora de todos nós, de mãos dadas, fraternalmente, sacudirmos o jugo da inércia e do egoísmo, e de pôrmos mão à obra, por uma Sociedade melhor onde todos possamos viver livre e dignamente.

Padre Luís



Interior das oficinas da secção de carpintaria da nossa casa de Malanje

CAMPANHA DE ASSINATURAS

O entusiasmo não arrefece! E não arrefecerá tão cedo — atendendo ao fervor de cada um dos participantes na **procição**, que se estende de norte a sul do país, até ao ultramar. Mais longe ainda: aos núcleos de portugueses espalhados pelos quatro quadrantes do globo!

Que jornadas pacíficas se desenrolam a esta hora pela acção dos mais tocados — e corajosos! E são tantos! E não-de ser mais. Todos reconhecem a oportunidade de conquistar para o Famoso almas de boa vontade, erguendo o facho da Paz. A Paz

do Evangelho — sinal de contradição.

● COMO O MUNDO SERIA MELHOR...

Como vem a propósito esta formosa e delicada carta de Trás-os-Montes!

«Se o meu desejo se concretizasse em números, iriam dezenas de novas assinaturas; se fôsse aceite o pedido às pessoas a quem lembrei o Jornal! Pois não há segundo que se lhe possa comparar! É

Continua na QUARTA página



FESTAS



UM QUADRO DAS FESTAS DE MALANJE, O ANO PASSADO.

Cont. da PRIMEIRA página.

A Festa é deles. A mim não me dá nenhum trabalho. Apenas o sofrimento de um horário mais cheio por ensaios e preparações diversas, que nos obrigam a adiar reformas que vêm sendo planeadas desde há meses e visam uma racionalização de trabalho interno em busca de uma melhor formação profissional dos nossos Rapazes e do alcance de um melhor rendimento do trabalho ao nível das técnicas que regem o mundo dos valores de Economia, neste tempo em que vivemos.

Por isso tão contente fico por ter sido possível concentrar tudo em duas semanas. E que nos perdoem terras onde por este motivo não podemos ir, inclusivé a Póvoa de onde nos veio a carta tão amiga que nos deu o tema de FESTAS no último número.

x x x

Por razões idênticas também nas Casas de Miranda, do Tojal e de Setúbal, se trabalha para uma rápida «tournée» logo a seguir à Páscoa.

A seu tempo, P.e Horácio, P.e Luís e P.e Acílio dirão da sua justiça.

EM MARÇO

DIA 5

às 21,30 h.

COLISEU DO PORTO

Bilhetes à venda — dias úteis: Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54; todos os dias: bilhetes do Coliseu do Porto.

*

DIA 7

às 21,30 h.

Cine Teatro S. Martinho Penafiel

DIA 9

às 21,30 h.

Teatro S. Pedro - Espinho

*

DIA 10

às 21,30 h.

Teatro Aveirense Aveiro

*

DIA 13

às 21,30 h.

Cine Teatro de Monção

*

DIA 17

às 21,30 h.

Cine Teatro de Santo Tirso

*

DIA 19

às 21,30 h.

Teatro Circo — Braga

*

DIA 20

às 21,30 h.

Teatro Ribeiro Concelção Lamego

Os bilhetes estão à venda, em cada uma das referidas Salas.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Cont. da TERCEIRA página

uma verdadeira Escada que leva as almas à glória da Eternidade! É pena que os Ricos e Sábios da Terra fechem os olhos à clareza da sua doutrina! Como o Mundo seria melhor se os leitores o lêssem com os olhos da alma! Aparece dinheiro para tudo o que é venenoso e para um Jornal de formação espiritual são mil choradeiras!

«A neve das serras gela os rios nesta quadra do Inverno e o presente modernismo gela as almas para as boas leituras. Deus tenha compaixão do pobre Mundo.

«Desculpe o número de as-

Campanha

-nos registar mais uma presença de Setúbal:

«É com muito prazer que vos envio o fruto da minha «Campanha de assinaturas». Lamento tê-lo feito tão tardiamente, mas «mais vale tarde que nunca», segundo o adágio popular.

«Espero que as pessoas por mim mencionadas se compen-trem do seu compromisso moral.»

Que expressão feliz! — É

● LISBOA NA PRIMEIRA LINHA

Alto! Agora é Lisboa. A capital está na primeira linha e na ordem do dia! Pois não vem quinzena ao mundo sem listas pesadas!! Hoje, por exemplo, miramos e remiramos — e destacamos — uma lista com duas dúzias de novos leitores que exercem actividade na Direcção dos Serviços de Telecomunicações dos C. T. T.. É colheita frutuosa de uma

de ASSINATURAS

sinaturas que envio — são três; mas já foram consultadas, mesmo a Senhora que mudou para V. Real. É favor mandar a começar em Janeiro, para ser o ano completo. Das duas que residem em Bragança tomo o cuidado de fazer a cobrança e será enviada quando enviar a quantia de dois jornais que recebo.»

Valente transmontana! Rija tèmpera do nordeste! Vai fazer muita luz o seu depoimento — a sua oração: levantar os caídos e dar ainda mais pujança aos tocados. Diria mais: é sol de Primavera, degelo...

● CONVÍVIO SALUTAR

O correio da «Campanha» é todo uma oração! Não há velas, nem velinhas, nem pieguias; mas almas que se comunicam. Convívio salutar e diálogo proveitoso que espalha a Boa Nova em todos os recantos — e a todos os homens de boa vontade e sem discriminações. Como a este, da HICA:

«Desde há alguns anos que contribuo para a vossa Obra, por intermédio da HICA, onde estou empregado. Até há pouco nunca tinha lido o vosso Jornal. Comecei a lê-lo e tem-me dado muito, a ponto de gostar, ou melhor, de não dispensar a sua leitura.»

● O EXEMPLO DE UM PAI

Tantas legendas formosas, oportunas e saborosas entre a correspondência que se amontoa à nossa frente! E a daquele Pai que roga «o favor de incluir na lista de assinantes o nome do meu filho», acentuando «uma particularidade: tem apenas 11 anos?! Este Pai vai abrir os olhos a muitos outros. Semeia largos horizontes na alma do filho. Fá-lo amar na razão directa do seu amor paternal. Ó feliz herança!

● MAIS VALE TARDE QUE NUNCA

A zona sul tem sido autêntica revelação! Por isso, apraz-

com muito prazer... Que desejo oportuno! — Espero que as pessoas por mim mencionadas se compen-trem do seu compromisso moral.

Fazemos nossas as suas palavras. E repetimo-las com outra dimensão e extensão — não remetam assinantes prováveis; mas gente que se disponha a dar o sim d'alma aberta. Em casa destes, com certeza, o destino do Famoso não será o caixote dos papéis...



Ontem um pároco dos arredores veio pôr-me o problema de mais um abandonado. Tem onze anos. Dorme numas escadas. Não tem eira nem beira. É um desolado. Nem pai nem mãe. Nem família. Na escola nada se consegue. É atrasado mental. Psicologicamente diminuído. Pede e rouba. Umás pessoas, por terem pena dele, deixam-no dormir no vão da escada! A Guarda Republicana, após uns roubos, prendeu-o e teve-o lá uns dias. A gente da terra respirou fundo quando o viram preso: — «Pode ser que a autoridade lhe dê rumo». Oito dias depois a desilusão: — O rapaz reapareceu.

O Padre vinha carregado com o problema. Como eu gostei! Ver os padres carregados com os problemas dos homens! Com os problemas dos pobres! Para isto somos padres! Temos tanta necessidade de pôr a carga às nossas costas! Fala-se hoje tanto em inserção na vida e quase se não sai do ponto morto. Ora ponhamos a carga às costas. Não há como isto. Carregar. Toda a intenção vem daqui.

Padre Acílio

● PRESENCAS DE TODO O MUNDO PORTUGUÊS

Hoje ficamos por aqui, d'alma cheia com notícias saborosas, que desfiaremos ao longo das próximas edições.

No entanto, para sossego dos devotos — e curiosidade dos leitores — durante a última quinzena marcámos presença nas seguintes terras do mundo português: Porto (com várias listas mai-lo interesse da primeira hora), Vila Nova de Gaia, Amares, Peso da Régua, Antíme (Fafe), Almada, Odive-las, Olival Basto, Coimbra (a despertar com vivacidade!) Coimbrões, Peral (Cadaval), Palmela, Viseu, Almeida, Bragança, Vila Real, Parede, Alvega, Vieira do Minho, Alhandra, Valado de Frades, Algés, S. João do Estoril, Mirandela, Vidigueira, Setúbal, Alvo-co das Várzeas, Santo António dos Cavaleiros, Luso (Angola), Luanda, Novo Redondo, Beira (Maçambique) e Covilhã. E Braga?! O nosso Henrique, que é de lá, está muito triste com o silêncio bracarense! Não cremos que, por lá, não seja terra de missão...

Já dobrámos as nove centenas! E vamos a galope, a caminho do 1.º milhar de gente nova. Quem havia de dizer! Avelino tem que suar — se a multidão não esmorecer. Abençoado trabalho! Venham mais e mais. Não nos poupem. Abram alas. Aproveitem todos os meios: companheiros de trabalho, familiares, cafés, cinemas — e se houver dentro de vós gente da alta subam aos membros do Governo, da Assembleia Nacional, etc. Este foi o desejo expresso ontem, de viva voz, por um portuense — humilde empregado de balcão. A voz dos Humildes tem de subir às culminâncias. De contrário — é o retrocesso...

JULIO MENDES